

CRISE ECONÔMICA



Deram um nó na economia

Economistas alertam que política de juros altos, privatização de bancos públicos e insegurança jurídica com a Lava Jato aumentam desemprego, freiam consumo das famílias e dificultam retomada do crescimento da economia brasileira. **Página 4**

"Deram um nó na economia"

Economistas alertam que política de juros altos, privatização de bancos públicos e insegurança jurídica com a Operação Lava Jato aumentam desemprego, freiam consumo das famílias e dificultam retomada da economia



Marcus Vinicius

Da editoria de **Cidades**

O governo do presidente interventor Michel Temer (PMDB-SP) está jogando contra a economia popular: juros altos inibem o consumo dos mais pobres e estimulam os muito ricos a não investir. Para piorar, os mais pobres terão pela frente maiores dificuldades de crédito com o projeto de fechamento de 781 agências do Banco do Brasil e cerca de 100 agências da Caixa Econômica Federal. O alerta foi feito pelos professores Fernando Nogueira Costa e Guilherme Mello, do Instituto de Economia da **Unicamp (Universidade de Campinas)**.

Segundo Costa, o acesso dos pobres às chamadas contas populares abertas pelo Banco do Brasil e pela Caixa foi um dos fatores que aqueceram a economia brasileira nos últimos treze anos (2003-2016). "Através de contas bancárias o dinheiro do pobre podia ter proteção contra a inflação. Com crédito ao consumidor de baixa renda, a aquisição de bens domésticos propiciava mobilidade social e melhor qualidade de vida. Essa inclusão no mercado era uma conquista de cidadania financeira", frisa.

Traduzindo do economês para o português: foi dado ao pobre o direito de abrir conta em bancos oficiais, com esta conta ele teve acesso ao crédito, à poupança, e assim pôde adquirir produtos que tinha necessidade, como uma geladeira, uma televisão e outros eletroeletrônicos como um computador, por



Guilherme Mello, economista da **Unicamp**: insegurança jurídica gerada pela Operação Lava Jato fez com que os muito ricos não arrisquem em fazer novos investimentos

exemplo. O governo interventor, no entanto, pôs fim a este mecanismo de incentivo ao consumo.

RICOS MAIS RICOS

De acordo com estudo feito pelo economista, o número de contas bancárias se elevou de 87,630 milhões no final de 2002 até 221,295 milhões em dezembro de 2015. No primeiro semestre do ano corrente, segundo dados do Fundo Garantidor de Créditos - FGC, esse total já diminuiu -1,43%, ou seja, 3,154 mi-

lhões contas bancárias a menos. Cerca de 1,8 milhão foram contas na faixa até R\$ 5.000,00. Na verdade, em todas as faixas até R\$ 150.000,00 (99,36% do total), perderam-se clientes. Em outras palavras, apenas nas faixas acima desse valor (0,64% do total) abriu-se 25.855 novas contas.

Fernando Costa enfatiza que "deram um nó no Brasil", pois, "enquanto os pobres fecham contas, os ricos ganham rios de dinheiro com a política de juros altos e o resultado é que o País está paralisado". Segundo

dados divulgados pelo IBGE na última terça-feira (22/11), o desemprego já atinge 11,8% da população economicamente ativa no País ou 12 milhões de pessoas.

Colega de Costa no IE-Unicamp, o economista Guilherme Mello avalia também outro fator: a insegurança jurídica gerada pela Operação Lava Jato. "Os muito ricos não querem arriscar em fazer novos investimentos. E por não investirem não geram empregos, e, ao não gerar empregos, elevam a parcela da população que está desempre-

gada, sub-empregada ou sub-utilizada", comenta.

Fernando Costa observa que "só com investimentos financeiros os ricos já se "entopem" de tanto ganhar dinheiro, enquanto dormem, já que o Brasil pratica os maiores juros do mundo, e o ricos enriquecem cada vez mais, noite e dia", ensina.

Como efeito negativo dos juros, segundo Guilherme Mello, é que as altas taxas devem ser repassadas para o preço dos produtos, com o impacto, inclusive, na inflação, que as autoridades mo-

netárias pretendiam combater. Com o desestímulo à tomada de empréstimo, as empresas também devem retardar investimentos e, por consequência, a abertura de novos postos de trabalho.

O Brasil vive um impasse que só piora: o governo federal não investe, os bancos não emprestam, os empresários não investem e não há segurança jurídica para os negócios. A soma de tudo isto é que impede o País de sair da crise. (Com informações dos sites Rede Brasil Atual, Sputnik News, BBC Brasil e Jornal GGN).



Fernando Nogueira Costa, economista, alerta: "Através de contas bancárias o dinheiro do pobre podia ter proteção contra a inflação. Com crédito ao consumidor de baixa renda, a aquisição de bens domésticos propiciava mobilidade social e melhor qualidade de vida"

FOTOS: DIVULGAÇÃO